

PAULO VI

## ***AUDIÊNCIA GERAL***

*Quarta-feira, 15 de novembro de 1972*

### ***"Livar-nos do mal"***

Quais são as maiores necessidades da Igreja hoje?

Que nossa resposta não os surpreenda como simplista, ou mesmo tão supersticiosa e irreal: uma das maiores necessidades é a defesa contra esse mal, que chamamos de Diabo.

Antes de esclarecer nosso pensamento, convidamos os seus a se abrirem à luz da fé sobre a visão da vida humana, uma visão que a partir deste observatório varia imensamente e penetra em profundidades singulares. E, de fato, o quadro que somos convidados a contemplar com o realismo global é muito bonito. É o retrato da criação, a obra de Deus, que o próprio Deus, como espelho externo de sua sabedoria e poder, admirado em sua beleza substancial (cf. Gn 1,10, etc.).

Então o retrato da história dramática da humanidade é muito interessante, do qual emerge o da redenção, a de Cristo, de nossa salvação, com seus estupendos tesouros de revelação, profecia, santidade, vida elevada ao nível sobrenatural, de promessas eternas (cf. Ef 1, 10). Sabendo olhar para este quadro não se pode deixar de se encantar (Cf. S. Aug. Solilóquios): tudo tem um significado, tudo tem um fim, tudo tem uma ordem, e tudo nos permite vislumbrar uma Presença-Transcendência, um Pensamento, uma Vida, e finalmente um Amor, para que o universo, pelo que é e pelo que não é, nos apresente como uma preparação emocionante e inebriante para algo ainda mais bonito e

ainda mais perfeito (cf. 1 Cor 2, 9; 13, 12; Rm 8, 19-23). A visão cristã do cosmos e da vida é, portanto, triunfante e otimista; e essa visão justifica nossa alegria e nossa gratidão de viver para que, celebrando a glória de Deus, cantamos nossa felicidade (cf. o Glória da Missa).

## ENSINO BÍBLICO

Mas essa visão está completa? Está correta? Não nos importamos com as deficiências que estão no mundo? as disfunções das coisas em relação à nossa existência? A dor, a morte? a maldade, a crueldade, o pecado, em uma palavra, o mal? e não vemos quanto mal há no mundo? especialmente, quanto mal moral, que é, simultaneamente, embora diferente, contra o homem e contra Deus? Isso não é um espetáculo triste, um mistério inexplicável? E não somos precisamente nós, cultores do Verbo e cantores do Bem, nós crentes, os mais sensíveis, os mais perturbados pela observação e experiência do mal? Nós o encontramos no reino da natureza, onde muitas de suas manifestações nos parecem denunciar uma desordem. Depois o encontramos no âmbito humano, onde encontramos fraqueza, fragilidade, dor, morte e algo pior; uma lei duplamente contrastante, uma que desejaria o bem, a outra – em vez disso – que se dirige para o mal, um tormento que São Paulo coloca em evidências humilhantes para demonstrar a necessidade e a fortuna de uma graça salvadora, da saúde que é trazida por Cristo (cf. Rm 7); já o poeta pagão havia denunciado esse conflito interno no próprio coração do homem: *vídeo meliora proboque, deteriora sequor* (OVID, Met. 7, 19). Encontramos o pecado, perversão da liberdade humana e profunda causa da morte, porque desprendimento de Deus, a fonte da vida (Rm 5,12), e então, por sua vez, ocasião e efeito de uma intervenção em nós e em nosso mundo de um agente sombrio e inimigo, o Demônio. O mal não é mais apenas uma deficiência, mas

uma eficiência, um ser vivo, espiritual. Realidade terrível. Misteriosa e assustadora.

Aqueles que se recusam a reconhecê-la como existente deixam o quadro do ensino bíblico e eclesiástico; ou seja, quem faz dela um princípio autônomo, não a considera, como toda criatura, como tendo sua origem em Deus; ou a explica como uma pseudo-realidade, uma personificação conceitual e fantástica das causas desconhecidas de nossos males. O problema do mal, visto em sua complexidade, e em seu absurdo em relação à nossa racionalidade unilateral, torna-se obsessivo. Constitui a maior dificuldade para nossa inteligência religiosa do cosmos. Não é à toa que Santo Agostinho sofreu com isso por anos: *Quaerebam unde malum, et non erat exitus*, eu estava procurando de onde o mal poderia vir, e eu não conseguia encontrar uma explicação (S. Aug. Conf. VII,5, 7, 11, etc.; PL, 32.736, 739).

E aqui está então a importância que a percepção do mal assume para a nossa concepção cristã correta do mundo, da vida, da salvação. Primeiro no desdobramento da história evangélica no início de sua vida pública: quem não se lembra da densa página de significados da tripla tentação de Cristo? Então, nos muitos episódios do Evangelho, em que o Diabo cruza os degraus do Senhor e aparece em Seus ensinamentos? (Por exemplo, Mt 12, 43) E como podemos deixar de lembrar que Cristo, três vezes referindo-se ao Diabo como seu adversário, o qualifica como "príncipe deste mundo"? (Jo 12, 31; 14, 30; 16, 11) E a tarefa desta presença nefasta está marcada em muitas passagens do Novo Testamento. São Paulo o chama de "deus deste mundo"(2 Cor 4,4), e nos adverte sobre a luta contra as trevas, que nós cristãos devemos sustentar não com um único demônio, mas com sua pluralidade temerosa: "Coloque a armadura de Deus para poder enfrentar as armadilhas do diabo, pois nossa luta não é (apenas) com sangue e carne,

mas contra os Principados e Poderes, contra os governantes das trevas, contra os espíritos malignos do ar" (Ef 6, 11-12).

E que não se trate de um único Demônio, mas de muitos, diferentes passagens evangélicas indicam-na para nós (Lc 11, 21; Mc 5, 9); mas um é o principal: Satanás, que significa o adversário, o inimigo; e com ele muitos, todas criaturas de Deus, mas decaídas, porque são rebeldes e condenadas (cf. DENZ.-SCH. 800-428); todo um mundo misterioso, perturbado por um drama muito infeliz, do qual sabemos bem pouco.

### O INIMIGO OCULTO QUE SEMEIA ERROS

No entanto, sabemos muitas coisas sobre este mundo diabólico, que dizem respeito às nossas vidas e a toda a história humana. O Diabo está na origem do primeiro infortúnio da humanidade; ele era o tentador tortuoso e fatal do primeiro pecado, pecado original (Gn 3; Sb 1, 24). A partir dessa queda de Adão, o Diabo adquiriu um certo império sobre o homem, do qual só a Redenção de Cristo pode nos libertar. É a história que perdura até hoje: vamos lembrar os exorcismos do Batismo e as frequentes referências da Escritura Sagrada e da liturgia ao agressivo e opressivo "poder das trevas" (cf. Lc 22, 53; Col 1, 13). Ele é o inimigo número um, ele é o tentador por excelência. Sabemos, assim, que este Ser sombrio e perturbador realmente existe, e que com pródiga astúcia ele ainda age; é o inimigo oculto que semeia erros e infortúnios na história humana. Para lembrar a reveladora parábola evangélica do bom trigo e da cizânia, síntese e explicação da ilógica que parece presidir nossos eventos contrastantes: *inimicus homo hoc fecit* (Mt 13, 28). Ele é "o assassino desde o início... e pai das mentiras", como Cristo o define (cf. Jo 8,44-45); é o insidiador sofisticado do equilíbrio moral do homem. Ele é o pérfido e astuto encantador, que sabe como insinuar-se em nós, pelo caminho dos sentidos, da fantasia, da

concupiscência, lógica utópica, ou contatos sociais desordenados no jogo do nosso operar, para ali introduzir desvios, tão prejudiciais quanto aparentemente em conformidade com nossas estruturas físicas ou psíquicas, ou com nossas aspirações instintivas e profundas.

Seria isso sobre o Demônio e sobre a influência que ele pode exercer sobre as pessoas individuais, como nas comunidades, em sociedades inteiras, ou em eventos, um capítulo muito importante da doutrina católica a ser reestudado, enquanto hoje é pouco. É pensado por alguns encontrar em estudos psicanalíticos e psiquiátricos ou em experiências espíritas, hoje, infelizmente tão difundidas em alguns países, uma compensação suficiente. Há o medo de voltar às velhas teorias maniqueístas, ou em digressões fantásticas e supersticiosas assustadoras. Hoje preferimos mostrar-nos fortes e temerários, posar como positivistas, apenas para então dar fé a muitas obediências mágicas ou populares gratuitas, ou pior para abrir a própria alma – a alma batizada, visitada tantas vezes pela presença eucarística e habitada pelo Espírito Santo! – às experiências licenciosas dos sentidos, àquelas deletérias das drogas, bem como às seduções ideológicas dos erros de moda, rachaduras pelas quais o Maligno pode facilmente penetrar e alterar a mentalidade humana. Não se diz que cada pecado se deve diretamente à ação diabólica (cf. S. TH. 1, 104, 3); mas também é verdade que aquele que não vigia com certo rigor moral sobre si mesmo (cf. Mt, 12, 45; Ef 6,11) expõe-se à influência do *mysterium iniquitatis*, a que São Paulo se refere (2 Ts 2, 3-12), e que torna problemática a alternativa de nossa salvação.

Nossa doutrina torna-se incerta, obscurecida como é pela própria escuridão em torno do Demônio. Mas nossa curiosidade, excitada pela certeza de sua existência múltipla, torna-se legítima com duas perguntas. Há sinais, e quais, da

presença da ação diabólica? e quais são os meios de defesa contra tal perigo insidioso?

## PRESENÇA DA AÇÃO DO MAL

A resposta à primeira pergunta impõe muita cautela, mesmo que os sinais do Maligno às vezes pareçam se tornar evidentes (cf. TERTUL. Apol. 23). Podemos supor sua ação sinistra onde a negação de Deus se torna radical, sutil e absurda, onde a mentira é afirmada hipócrita e poderosa, contra a verdade evidente, onde o amor é extinto por um egoísmo frio e cruel, onde o nome de Cristo é mantido com ódio consciente e rebelde (cf. 1 Cor 16,22; 12, 3), onde o espírito do Evangelho é mistificado e negado, onde o desespero é afirmado como a última palavra, etc. Mas é um diagnóstico muito amplo e difícil, que não ousamos agora aprofundar e autenticar, mas não sem interesse dramático para todos, ao qual até a literatura moderna dedicou páginas famosas (cf. por exemplo, as obras de Bernanos, estudadas por CH. MOELLER, *Littér. du XXe siècle*, I, p. 397 s.; P. MACCHI, *Il volto del male in Bernanos*; cf. depois Satan, *Etudes Carmélitaines*, Desclée de Br. 1948). O problema do mal continua sendo um dos maiores e mais permanentes problemas para o espírito humano, mesmo após a resposta vitoriosa que Jesus Cristo lhe dá. "Sabemos", escreve o Evangelista São João, "que somos (nascidos) de Deus, e que o mundo inteiro está colocado sob o mal"(1 Jo 5, 19).

## A DEFESA DO CRISTÃO

Para a outra pergunta: que defesa, que remédio opor à ação do Demônio? a resposta é mais fácil de formular, mesmo que continue difícil de se realizar. Podemos dizer: tudo o que nos defende do pecado nos repara por esta mesma razão do inimigo invisível. A graça é a defesa decisiva. A inocência assume um aspecto de fortaleza. E então cada um lembra o quanto a pedagogia apostólica simbolizou na armadura de

um soldado as virtudes que podem tornar o cristão invulnerável (cf. Rm13, 12 ; Ef 6, 11, 14, 17; 1 Ts. 5, 8). O cristão deve ser militante; ele deve ser vigilante e forte (1 Pe 5, 8); e ele deve, por vezes, recorrer a algum exercício ascético especial para afastar certas incursões diabólicas; Jesus ensina isso indicando o remédio "na oração e no jejum"(Mc 9, 29). E o Apóstolo sugere a linha principal a ser tomada: "Não deixe que você seja superado pelo mal, mas vence no bem o mal " (Rm 12,21; Mt 13, 29).

Com a consciência, portanto, das adversidades atuais em que as almas, a Igreja e o mundo se encontram hoje, tentaremos dar sentido e eficácia à invocação usual de nossa oração principal: "Pai nosso,... livra-nos do mal!

Para tanto colabore a nossa Bênção Apostólica.